

PAINÉIS DO PASSADO: DOS MECANISMOS DISCURSIVOS DE UM “PADRE-HISTORIADOR, DE UM HISTORIADOR-PADRE”

PANELS OF THE PAST: FROM THE DISCURSIVE MECHANISMS OF A “PRIEST-HISTORIATOR, OF A STORY-PRIEST”

Felipe Freitag¹

Resumo: Intenta-se, neste trabalho, analisar mecanismos discursivos utilizados para certa homogeneização de pensamentos e de condutas em um dado momento histórico de certa localização geográfica brasileira. Para tanto, tem-se como corpus o livro **Painéis do passado, a história de Frederico Westphalen em sessenta quadros de literatura amena**, de Monsenhor Vitor Battistella, de 1969 (mais especificamente o capítulo sobre o Cine Floresta). Investiga-se, portanto, por meio da Análise do Discurso enquanto teoria e metodologia (PÊCHEUX, 1990), quais são as principais evidências de como tal obra serviu como protagonista no construto ideológico de sujeitos da região do Alto Uruguai do Rio Grande do Sul, originando, assim, uma espécie de censura através da religião.

Palavras-chave: Painéis do passado; Linguística; Mecanismos discursivos; Sujeito; Ideologia de homogeneização.

Abstract: *In this work, we intend to analyze discursive mechanisms used for a certain homogenization of thoughts and behavior at a given historical moment in a certain brazilian geographic location. For this purpose, the book Painéis do passado, a história de Frederico Westphalen em sessenta quadros de literatura amena, by Monsignor Vitor Battistella, from 1969 (more specifically the chapter on Cine Floresta) is published. Therefore, it is investigated, through Discourse Analysis as theory and methodology - (PÊCHEUX, 1990), what are the main evidences of how such work served as protagonist in the ideological construct of subjects from the Alto Uruguay region of Rio Grande do Sul, thus originating a kind of censorship through religion.*

Keywords: *Panels of de past; Linguistics; Discursive mechanisms; Subject; Homogenization ideology.*

Quando criança, menino ardente de curiosidade, com um olhar vertiginoso no querer desvendar o que lhe chegava como mistério, encontrei-me, muitas vezes, diante de uma gaveta de certo móvel rústico na casa de meu avô materno. Nessa gaveta, convivía com quinquilharias rurais, com fumo de corda, com canivete e com palha de milho, um livro amarelecido pelo tempo que fustigava interrogações do menino que aqui se põe como pesquisador. Todos os finais de semana, quando das visitas costumeiras à antiga casa de portão de ferro, depois do café passado em coador de pano e enquanto havia o descanso dos adultos, eu levantava-me da cama e dirigia-me até a gaveta bem-aventurada na esperança de

¹ Licenciado em Letras Português e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Estudos Linguísticos pela UFSM. Professor de Português e de Literatura na Escola Estadual de Educação Básica José Zanatta (Taquaruçu do Sul, RS). E-mail: feletras2007@hotmail.com

uma descoberta inigualável. Guri audaz, desejando descobrir sozinho os mistérios daquele livro-defunto da gaveta, retirei-o do seu claustro por algumas vezes e na minha leitura incipiente, cri que estava em face de um objeto muito mais saliente em sua complexidade do que aparentava ter para os adultos que sobre ele me narraram posteriormente. Aos dez anos de idade, após cerca de três anos de investigação inocente, lenta e minuciosa, fiquei confuso, afinal, para mim, aquele livro tentava controlar e homogeneizar certos comportamentos de quem o lia. Eis que agora, posso, através do olhar científico examinar analiticamente as inquietações que esse livro suscitava no eu menino.

Como ponto de partida dessas memórias históricas que inscrevem sujeitos, estratégias discursivas, ideologias e homogeneizações, é importante compor o cenário sociohistórico e sociocultural do contexto em que elas se desenrolam, uma vez que no âmbito das políticas enunciativas estruturam-se acontecimentos, os quais não têm como estar descolados e/ou deslocados de certa espacialidade e de certa temporalidade. Destarte, é necessário situar a cidade de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, em seus dados estatísticos principais no tocante a sua formação histórica, social, cultural, demográfica e econômica:

O município de Frederico Westphalen está localizado na região do Médio Alto Uruguai, Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com área territorial de 264,976 Km² e uma estimativa populacional de 30.251 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE de 2013. Está distante 428 Km da capital do Estado, Porto Alegre, com acesso pela Rodovia Federal BR 386 e ligações secundárias pela RS 472 e RS 150. Nosso município destaca-se na região do Médio Alto Uruguai por ser o maior município, sendo popularmente conhecido como a “Princesa do Médio Alto Uruguai”, título conferido através da Lei Estadual nº 13.801/2011. [...] A história relata que os primeiros viajantes que por aqui passaram tinham como destino as águas medicinais do Prado e do Mel, hoje municípios de Vicente Dutra e Iraí. [...] Da antiga “Colônia Guarita”, pertencente ao atual município de Palmeira das Missões, foi criado em 1918 o Distrito de Fortaleza que tinha como divisas os rios Uruguai, Várzea, Braga, Fortaleza e Guarita. [...] Em 1919 chegou até o Distrito de Fortaleza a comitiva destinada pelo Dr. Frederico Westphalen para a construção da estrada que ligaria o distrito até as Águas do Mel. Contudo, com a construção da estrada e o aumento do fluxo, o abastecimento de água estava escasso. Dentre os membros da comitiva estava o Senhor José Copatti, popularmente conhecido como “Beppi Feio”, que então foi designado para ir até o armazém mais próximo a fim de adquirir suprimentos. Ao retornar, Beppi Feio trouxe consigo um barril vazio, que foi destampado e enterrado próximo a um córrego, onde foi lascada uma grossa taquara e adaptada à moda de bica. O barril ganhou o nome, marcou o local e ficou famoso e tornou-se um atrativo entre os viajantes. Mais tarde o vilarejo passou a denominar-se Vila do Barril. A comunidade, através de alguns cidadãos, decidiu por escolher um nome oficial para a Vila. Em 09 de outubro de 1927 ocorreu uma reunião nos “fundos” do Hotel

Castelo, sendo acordado por todos os presentes que o nome deveria homenagear ao primeiro Chefe do Escritório da Comissão de Terras: Frederico Westphalen. [...] Em 1º de setembro de 1953, foi aprovada a Lei 2.116 que tratava da criação de vinte novos municípios no Estado do Rio Grande do Sul, entre eles: Frederico Westphalen. [...] Em plebiscito realizado com a comunidade, prevaleceu o “sim” e em 15 de dezembro de 1954, o Governador Ernesto Dornelles assinou a Lei 2.523 aprovando a criação do 98º município do Estado: Frederico Westphalen. [...] A economia industrial se dá pelas indústrias expressivas nas áreas metalúrgica, fibra de vidro, lapidação de pedras semipreciosas, fábrica de colchões e ração animal. Ainda, possui abatedouros de suínos, bovinos e aves, além do potencial na área agrícola, caracterizando-se pela pequena propriedade rural, as agroindústrias familiares, na avicultura, piscicultura e a agroindústria de pequeno porte. O Município destaca-se no setor educacional, contando atualmente com duas instituições de Ensino Médio e Tecnológico e quatro instituições de Ensino de Nível Superior (FREDERICO WESTPHALEN, 2016, p. 01).



Figura 1: Foto panorâmica de Frederico Westphalen.
AUTOR: FREDERICO WESTPHALEN, 2016

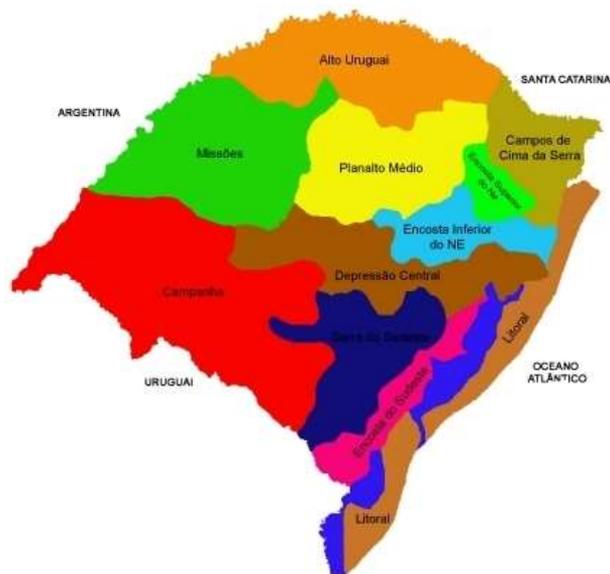


Figura 2: Região do Médio Alto Uruguai do RS.
AUTOR: UFSM (IFCRS).

Neste estudo, procuro “a partir da totalidade sintética, que é o discurso específico de um indivíduo – reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal” (MARRE, 1991, p. 89). Tal discurso individuado² erige-se na imagem, ou na figura histórica e social de um padre-historiador, ou de um historiador-padre chamado Monsenhor Vitor Battistella, que foi considerado como um referencial polivalente de poder religioso-ideológico, de poder social-ideológico e de poder cultural-ideológico durante pouco mais da primeira metade do século XX na região do Médio Alto Uruguai, Rio Grande do Sul. “A maioria o via como um “pai”, um “santo”, um homem de capacidades ímpares, um “herói”, desbravador, batalhador, clarividente”, destaca Sponchiado (2005, p. 03). Ainda sobre ele, destaque:

Monsenhor Vitor Battistella foi um líder de grande destaque na região, que conquistou seguidores e contestadores. ‘Seu ofício de sacerdote lhe atribuía respeito, confiança e poder diante da maioria da sociedade. Painéis do Passado: a história de Frederico Westphalen em 60 quadros de literatura amena foi o primeiro registro do passado de Frederico Westphalen, publicado em 1969, permanecendo por muitos anos como o único material destinado ao ensino-aprendizagem nas escolas e de

² Utilizo o conceito de individuação de Jung (1984), o qual diz respeito a um processo de alcance psicológico de uma singularidade única por parte do sujeito, o que o torna consciente de si mesmo a ponto de realizar o seu ego (eu desejante) em sociedade. Tal processo culmina, geralmente, com a imposição desse eu desejante como estrutura referenciadora para a construção do ego de outrem (em termos de egos frágeis, com self falso).

FREITAG, Felipe. PAINÉIS DO PASSADO: DOS MECANISMOS DISCURSIVOS DE UM “PADRE-HISTORIADOR, DE UM HISTORIADOR-PADRE”.

leitura da população, signo de sua identidade. A grande aceitação da obra deve-se, em parte, à figura de seu autor (LADEVIG, 2007).

Ainda sobre Battistella, saliento:

Pe. Vitor Battistella nasceu em Tapera, no dia 31 de Janeiro de 1905. É filho de Antônio Battistella e Angela Nodari. No ano de 1917, Vitor, ingressou no Seminário Provincial de São Leopoldo e recebeu a ordenação sacerdotal em 04 de Novembro de 1930. A partir disso, exerceu o sacerdócio em São Sepé (um ano) e Ivorá (um mês). Após o desempenho das atividades sacerdotais nesses municípios, ocupou o cargo de Vigário Cooperador no Município de Palmeira das Missões, onde atuou com residência no lugar chamado Barril, atual Município de Frederico Westphalen. Em 1956, recebeu o título de Monsenhor, distinção feita pelo Papa Pio XII (FREDERICO WESTPHALEN, 2012, p. 02).



Figura 03: Monsenhor Vitor Battistella.
AUTOR: FREDERICO WESTPHALEN, 2012.

Painéis do passado, a história de Frederico Westphalen em sessenta quadros de literatura amena, de Monsenhor Vitor Battistella, publicado, em 1969, é meu *corpus* de pesquisa, porque, em primeiro plano, fez parte da minha formação social e cultural em contexto de infância, sobretudo, porque, ao ler suas páginas, procurava eximir-me de uma culpabilidade em não enquadrar-me no ambiente que me cercava. Igualmente, já adulto, comecei a notar, mesmo que, primariamente, que o ser individuado do Monsenhor Vitor Battistella era tido como modelo de conduta (moral, ética, comportamental, etc) pela maioria dos habitantes da região do Alto Médio Uruguai (não somente em termos de pessoas que

FREITAG, Felipe. PAINÉIS DO PASSADO: DOS MECANISMOS DISCURSIVOS DE UM “PADRE-HISTORIADOR, DE UM HISTORIADOR-PADRE”.

tiveram contato físico com o padre em questão, mas também os que dele ouvem histórias e/ou leem o seu **Painéis do passado**). Parecia-me que o livro em questão não era apenas a voz do ser individuado de Battistella, mas que também havia se tornado a voz de uma região geográfico-espacial.

Tanto em sua vida pessoal e profissional (como pároco) quanto em seu livro **Painéis do passado, a história de Frederico Westphalen em sessenta quadros de literatura amena**, Monsenhor Vitor Battistella, segundo Szatkoski (1994, p. 12) procurou manter “o papel de Igreja que historicamente esteve atrelada ao poder político dominante e detentora do conhecimento”. Dessa maneira, como se dá, na materialidade textual do livro de Battistella, o teor político e o teor de verdade absoluta da Igreja como instrumentos de doutrinação?

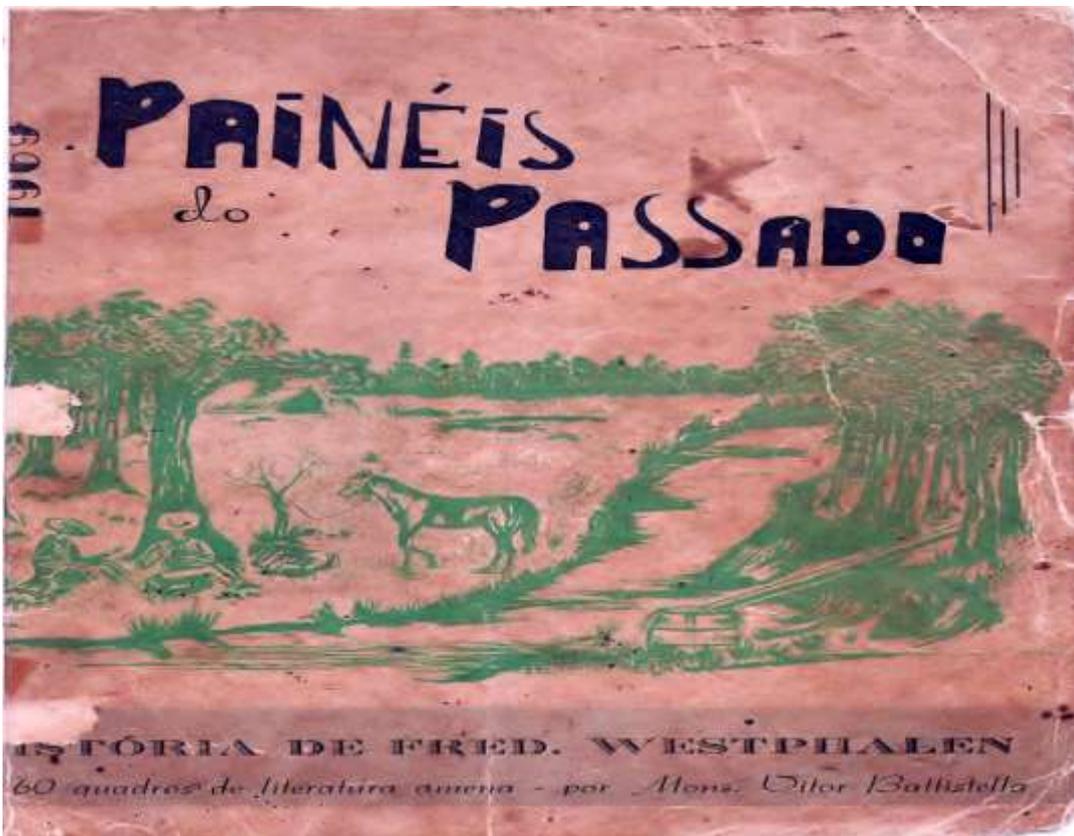


Figura 04: Capa do livro **Painéis do passado, a história de Frederico Westphalen em sessenta quadros de literatura amena**.

AUTOR: BATTISTELLA, Mons. Vitor, 1969.

FREITAG, Felipe. PAINÉIS DO PASSADO: DOS MECANISMOS DISCURSIVOS DE UM “PADRE-HISTORIADOR, DE UM HISTORIADOR-PADRE”.

A partir desse objeto material (historiográfico por natureza) é que surgiu o segundo plano desse trabalho, o qual diz respeito às “reais”³ intenções enunciativo-acionais da sua autoria. Para tanto, recortei meu *corpus* ao capítulo que mais me inquietava e inquieta ainda. O capítulo cinquenta e um, intitulado **O Cine Floresta**, versa sobre a introdução do cinema (da arte cinematográfica) na cidade de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul. Mais especificamente, meu *corpus* de análise detém-se ao final desse capítulo, em que há descrições de “Como tirar proveito do Cinema”.

Segundo o autor do livro, essas descrições de “Como tirar proveito do Cinema” era um livreto oferecido pela direção do **Cine Floresta** “como cooperação à boa ordem, à disciplina e correto aproveitamento das funções cinematográficas, a fim de que sejam espelho da fina educação e da cultura da nossa cidade”. (BATTISTELLA, 1969, p. 205)

O que mais habitava minha curiosidade sobre esse capítulo do livro era justamente esse livreto, supostamente entregue pela direção do cinema, pois os itens que se seguem nessa enumeração de “boa” postura e conduta no cinema pareciam-me muito mais um modo discursivo moralizante da Igreja do que da direção do cinema.

Por certo, como filho da região do Alto Uruguai do Rio Grande do Sul, tenho ciência empírica das normatizações católicas que se afincam a todo bem histórico, cultural, educacional e social de tal espaço geográfico. Portanto, acredito que esse tal livreto distribuído pela direção do **Cine Floresta** conversava com a liderança religiosa e censuradora do Monsenhor Vitor Battistella.

No **Prólogo** do livro em questão, o autor afirma que:

Painéis do Passado são quadros da nossa história, realidades de um caminho já andado, ecos de tempos que não voltam mais. Nestas páginas não está toda a nossa história, mas a maior e melhor parte dela, escrita com fidelidade e verdade (BATTISTELLA, 1969, p. 05).

Os vocábulos “fidelidade e verdade”, utilizados pelo autor parecem conferir à obra certa consistência científica, em termos de historiografia, entretanto, a considerar certos aspectos da discursividade e das ações “ditatoriais” de Monsenhor Vitor Battistella, a partir de uma conversa com meu avô materno, em que ele afirmou “o Monsenhor Vitor Battistella era

³ Trata-se aqui do conceito de real para Lacan, em contraste com os conceitos de imaginário e de simbólico (LACAN, 1985).

FREITAG, Felipe. PAINÉIS DO PASSADO: DOS MECANISMOS DISCURSIVOS DE UM “PADRE-HISTORIADOR, DE UM HISTORIADOR-PADRE”.

o espelho para a sociedade da região, bem como o influenciador do ser e do agir dos que lá moravam”, posso intentar, por meio de análise linguística, sobretudo, discursiva, em sentido teórico da Análise do Discurso (Pêcheux, 1990), descentralizar o papel de historiador de Battistella em detrimento de um desdobramento ideológico parcial.

Tomando por base noções foucaultianas da linguagem, explícito que a interpelação do discurso de Monsenhor Vitor Battistella acaba por exibir o seu subjetivismo ideológico e que esse discurso funcionou e talvez ainda funcione como meio de homogeneização ideológica na região do Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul, e que, foi outorgado, provavelmente como método de supressão da liberdade de pensamento da sociedade da referida região. Tal conclusão, além de ser mobilizada por minha vivência como cidadão de tal região, é guiada pela leitura de **Painéis do Passado** e dos desdobramentos teóricos estimulados pela compreensão foucaultiana da linguagem.

Sabe-se que a situação social (empírica) em face da subjetivação, transforma-se em atividade discursiva por meio da articulação da linguagem e, através dessa, materializa-se o imaginário e a ideologia do sujeito. Logo, o inconsciente estrutura-se na linguagem e constrói-se como evidência de interpelação ideológica.

Segundo P. Henry (1997), a história é história porque os fatos reclamam sentidos. Assim, o sujeito está condenado a interpretar, significar e estabilizar os acontecimentos. A interpelação que se dá num discurso histórico deveria ser *a priori* uma constituição não separada da exterioridade e da interioridade do sujeito, porém, nota-se que o sujeito discursivo ao validar os fatos históricos submete-os à origem de seu dizer, ele diz o que quer, seguindo o esquema: o determinado (fato exterior), o determinador (sujeito) e a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito religioso, etc).

Se para Foucault, em **As palavras e as coisas** (1999), a linguagem, na medida em que representa, acaba por nomear, recortar e combinar. Dessa maneira, articula e desarticula as coisas, tornando-as visíveis na corporeidade das palavras. Importa-me, por conseguinte, validar que o discurso de Battistella ao selecionar o livreto (de suposta autoria da direção do **Cine Floresta** para compor o capítulo acerca da inserção do cinema em Frederico Westphalen, moraliza enquanto narra, pois o rigor com que taxativamente nivela a conduta das pessoas que frequentam o cinema, e dos leitores do livro, pretende-se como desviante de imparcialidade, assim como é uma política de controle.

FREITAG, Felipe. PAINÉIS DO PASSADO: DOS MECANISMOS DISCURSIVOS DE UM “PADRE-HISTORIADOR, DE UM HISTORIADOR-PADRE”.

O sujeito discursivo de um livro que se pretende histórico acaba por individualizar-se no sentido de transferir aos fatos o percurso bio-psicossocial dele, e não das determinantes factuais, do simbólico já posto.

No livro **Painéis do Passado**, o autor com discurso religioso e com combinações ideologizantes de moralidade católica dá, assim, prevalência ao estatuto de homem social (papel social de padre), excluindo quase que totalmente o estatuto de historiador (aquele que simboliza o factual, mas não controla seu discurso segundo uma intervenção impressa pelo seu ser subjetivo-social).

Interessante notar que a estratégia de compor o capítulo relativo ao cinema com o livreto em questão é um estratagema discursivo do autor, no sentido de que policia o seu discurso pretensamente racional, ocupando-se de um suposto “outro” discurso para enunciar uma postura que não tangencie o caráter histórico da obra. Como se a racionalidade histórica pretendida não fosse rompida ao inserir um discurso que não o de sua autoria.

Em **História da Sexualidade I** (1988), Foucault refere-se aos discursos que se recusam dizer, ou que se proibem mencionar como uma relação binária de coexistência. O que se diz e o que não se diz devem ser investigados, analisando-se as estratégias que apoiam e que atravessam o discurso de análise, ou seja, “que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros”. (FOUCAULT, 1988).

Com base nessa teorização de Foucault, referida acima, é que identifico em um dos itens do livreto do capítulo **O Cine Floresta**, de **Painéis do Passado**, um enunciado que se utiliza do implícito como modo discursivo para não usar um discurso desautorizado pela Igreja. Lê-se no item “h” do livreto: “Não esqueças que é o cinema um dos lugares onde a pessoa se revala.” (BATTISTELLA, 1969, p. 206).⁴

⁴ Será obedecida, na citação de trechos da obra analisada, a grafia da época.

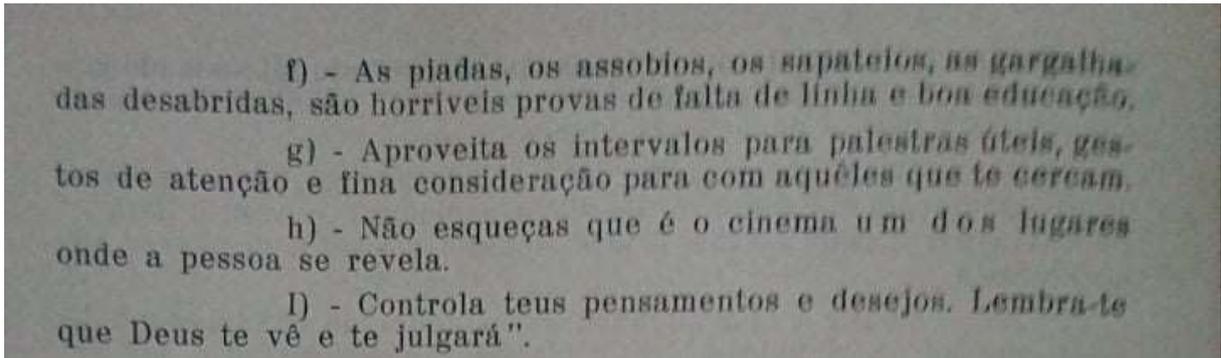


Figura 05: Parte do libreto do capítulo O Cine Floresta. **Painéis do passado, a história de Frederico Westphalen em sessenta quadros de literatura amena.**
AUTOR: BATTISTELLA, Mons. Vitor, 1969, p. 206.

De uma maneira alusiva, o autor sanciona uma lei de conduta, sem ao menos identificar quais seriam os atos de má conduta no ambiente do cinema. O autor faz uso de um discurso temerário como estratégia de discurso autorizado. Como um membro da Igreja Católica Apostólica Romana, ele censura a si na não descrição das falhas que poderiam ser cometidas no ambiente do cinema. Falhas essas que posso supor como afetivo-sexuais, como, por exemplo, trocas de carinho mais “salientes”.

Em um tom profético e inquisidor, o último item do libreto é considerado por mim, como o de teor mais religioso, censurador e moralizante possível. A estratégia discursiva é a de autenticar o poder divino da onipresença e da onisciência como uma regra não passível de oscilação. Não se regulamenta uma nova relação; o que se faz é colocar a consciência do homem como um lugar comum guiado por Deus. Exponho o item à guisa de esclarecimento: “i) Controla teus pensamentos e desejos. Lembra-te que Deus te vê e te julgará”. (BATTISTELLA, 1969, p. 206).

Não há uma escolha. É imperativa a noção de culpa póstuma e de sanção de uma lei punidora. Monsenhor Vitor Battistella, com seu papel condicionador da percepção do leitor, acabou tornando seu livro de “literatura amena” um coro de fiéis pela busca de uma moralidade católico-cristã. Essa verificação supracitada é corroborada pelo parágrafo final do capítulo **O Cine Floresta**, de **Painéis do Passado**, na medida em que, diante do fechamento do **Cine Floresta**, por razões da inserção de um novo cinema na cidade, o Cine Jussara, Battistella lamenta tal cancelamento das atividades do **Cine Floresta**, advertindo sobre a sua importância na região, por meio de uma distinção entre “bom cinema” e “mau cinema”:

FREITAG, Felipe. PAINÉIS DO PASSADO: DOS MECANISMOS DISCURSIVOS DE UM “PADRE-HISTORIADOR, DE UM HISTORIADOR-PADRE”.

[...] fechando o Cine Floresta, fato que causou sentido pesar geral da qualidade do cinema, e consternação, nos meios católicos mais conscientes, por se deixar escapar o controle paroquial. [...] êste extraordinário meio de cultura e comunicação, hoje universalmente recomendado pelo próprio Concílio Ecumênico Vaticano II, o bom cinema (BATTISTELLA, 1969, p. 206).

Em suma, por meio de uma análise discursiva, tive por propósito, muito mais do que oferecer considerações acerca das posturas ideológicas do autor da obra em questão, o objetivo de refletir sobre os mecanismos linguísticos utilizados por um padre para ser um historiador, de modo que, deixo a cada leitor desse texto, a fiança em acreditar, ou não no meu estatuto de pesquisador, fazendo um paralelo, ou uma antinomia entre a minha verdade e a verdade de Battistella, essa colocada em relevo por ele já no **Prólogo de Painéis do Passado**.

REFERÊNCIAS

BATTISTELLA, Mons Vitor. **Painéis do Passado. A história de Frederico Westphalen em sessenta quadros de literatura amena.** Frederico Westphalen: Gráfica Marin LTDA, 1969.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas, tradução de Salma Tannus Muchail.** 8ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREDERICO WESTPHALEN. Museu Municipal Wülson Jeovah Lütz. **Arquivo Monsenhor Vitor Battistella.** (2012). Disponível em:< http://www.fredericowestphalen-rs.com.br/museu/arquivos/monsenhor_vitor_battistella_I.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FREDERICO WESTPHALEN. Prefeitura Municipal de Frederico Westphalen. **Município.** (2016). Disponível em:< <http://www.fredericowestphalen-rs.com.br/municipio/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

HENRY, P. **A História não existe?** In: ORLANDI, Eni. (org.) Gestos de Leitura. 2ª. ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1997.

JUNG, Carl G. **Psicologia do inconsciente.** São Paulo: Editora Vozes, 1984.

LACAN, Jacques. **O Seminário: Livro 02. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FREITAG, Felipe. PAINÉIS DO PASSADO: DOS MECANISMOS DISCURSIVOS DE UM “PADRE-HISTORIADOR, DE UM HISTORIADOR-PADRE”.

LADEVIG, Franciele. **O Padre historiador de Barril: uma leitura historiográfica de Mons. Vitor Battistella através de “Painéis do Passado”.** Disponível em:<http://www.sicoda.fw.uri.br/revistas/artigos/1_8_95.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2012.

MARRE, J. L. **História de Vida e Método Biográfico.** In: Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v.3, nº 3, p. 89-141, jan/jul, 1991.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi.** Campinas, SP: Pontes, 1990.

SPONCHIADO, Breno A. **Uma vida, muitas biografias: o caso de Mons. Vitor Battistella.** (2005). Disponível em:<<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/viewFile/255/469>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

SZATKOSKI, Elenice. **A construção da catedral de Frederico Westphalen.** Frederico Westphalen: Litoarte Marin, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. IFCRS. **Regiões fisiográficas.** Disponível em:< <http://coralx.ufsm.br/ifcrs/fisiografia.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

Recebido em 28/12/2019

Aprovado em 18/09/2020